



A idéia de Arte e Lixo ¹

Suellen Elise Maciel²
Daniele Ribeiro Fortuna³
Universidade Unigranrio, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O trabalho aqui apresentado é fruto de uma reflexão preliminar e também se constitui em um roteiro para uma investigação mais detalhada ainda em andamento sobre a relação entre arte e lixo. Discute o processo pelo qual a arte vem passando e as diversas maneiras de se lidar com o lixo – principalmente como matéria-prima para obras de arte –, suas representações sociais, através do impressionante trabalho realizado pelos artistas que foram entrevistados durante a realização desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: lixo; arte; nojo; comunicação.

1 - INTRODUÇÃO

Iniciada em 2009, esta pesquisa tem como ponto de vista a construção de uma temática do lixo e suas representações sociais frente ao meio no qual estamos inseridos, tendo como objetivo principal a realização de um vídeo-documentário sobre o assunto. O projeto foi definido a partir de algumas indagações: como os artistas vivem desse tipo de arte que utiliza o lixo como matéria-prima? Para eles, como é olhar para a sociedade e não ter medo das atitudes, das reações e dos gestos que muitas pessoas têm em reação

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social da UNIGRANRIO, email: suellen.vaillant@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UNIGRANRIO, email: dfortuna@hotmail.com



ao trabalho deles com o lixo, principalmente quando são vistos na rua remexendo em lixeiras? Que influência essa sociedade passa para eles no imaginário popular e no comportamento dos diferentes atos sociais?

Estas foram questões que deixaram a pesquisa mais instigante, conferindo a cada um desses artistas – e sua arte – um interesse mais notório aos olhos de todos os participantes do projeto. É importante salientar que o objetivo ainda foi buscar temáticas nas quais a ênfase é a região do Rio de Janeiro, inclusive a Baixada Fluminense – região onde se localiza o *Campus* principal da Universidade Unigranrio.

A base teórica do trabalho discute vertentes fundamentais para a compreensão do tema:

- a) os estudos sobre a estética clássica, especialmente a instauração de três elementos: aura, valor cultural e autenticidade, presentes nas análises de Walter Benjamin (2000);
- b) a perspectiva dos artistas na conscientização ambiental, uma vez que, para sua compreensão, reúne adjetivos, saberes incomensuráveis;
- c) estudos que tratam da relação entre artistas, lixo e o nojo aqui citados.

Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa exploratória, comparativa, de natureza qualitativa, sob a perspectiva de uma leitura e análise crítica sobre o tema. A partir do contato com tal base teórica, o tema explorado foi examinado na cidade do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense e, por conta disso, foram visitados alguns locais para melhor averiguação sobre o assunto. Foram realizadas entrevistas e gravações com alguns artistas em seus ateliês, que também servirão de arquivos para a conclusão da pesquisa aqui feita.

A pesquisa – notadamente a parte referente ao nojo – foi desenvolvida pela Orientadora Daniele Ribeiro em sua tese de Doutorado e teve continuação nesse projeto. Levando-se em conta a pesquisa bibliográfica, os procedimentos implicaram uma análise produtiva das entrevistas realizadas. Dessa forma, foi possível concluir a primeira parte do projeto, com os artistas dando seus depoimentos sobre a relação lixo x arte, nojo x arte.

Diante do exposto, apresenta-se, neste artigo, a primeira etapa do estudo iniciado em 2009, relativo às entrevistas com os artistas que lidam com o lixo e sua real necessidade.



2 - A OBRA DE ARTE E A ESTÉTICA CLÁSSICA

A história da arte comporta alguns momentos críticos que mudaram as várias formas da mesma, a partir dos quais é possível observar expressivas modificações de nível técnico, que produziram, cada um à sua época, diferentes efeitos. A obra de arte clássica procurava retratar o ser humano em sua perfeição. Mas, com o tempo, esta arte foi se transformando, possibilitando novas ideias, novos desejos que correspondem a profundas modificações dos olhares para este objeto que antes era destinado a uma elite, a um público especial, que podia frequentar museus ou adquirir obras de arte.

De uma maneira feroz, a obra de arte avassala o espectador. Ela tem o poder de “chocar” o espectador, impressionando-o com as suas representações, sejam elas de cenários, lugares, cores. Para que se entenda melhor, a obra de arte em sua totalidade invasiva atropela emoções naqueles que entram em contato com ela, causando assim o que acima já foi citado. A obra de arte não tem valor algum, se não é usufruída e, portanto, cruzada pelos reflexos do futuro.

Para desenvolver o que vem sendo trabalhado ao longo desta pesquisa, pode-se afirmar que toda forma de arte finaliza-se apenas no encontro de três linhas condensadas e por si só evolutivas. Na primeira linha, elabora-se a forma que mais interessa ao projeto, como entender melhor o que motiva os artistas a trabalharem com o lixo e tirar dele seu sustento próprio; na segunda, as formas da arte em linhas tradicionais; e em terceiro, a arte que forma a preparação sobre algo frequentemente imperceptível, fatores como mudanças sociais, à medida que transformam também os modos de recepção para adaptá-las assim a uma nova forma de arte. Sendo assim, essa arte – tão incontestável e amadurecida – visa a elucidar todas as facetas que nela existe.

Sobrepondo o ponto de vista teórico, procura-se, a partir dessa elaboração, introduzir no público um movimento que posteriormente provocaria de maneira mais natural modificações nessa evolução artística, trazendo para o cotidiano novas formas de se lidar com a totalidade, de mesclar essa fonte artística em desejos e em melhorias dela tiradas.

Procurando entender um pouco da arte de antigamente e estabelecendo uma relação com o que o autor Walter Benjamin propõe em seu ensaio “A obra de arte na



época de sua reprodutibilidade técnica”,⁴ pode-se afirmar que a arte em sua totalidade perdeu um pouco daquilo que antigamente designava-se como algo sobrenatural aos olhos da massa humana, a chamada aura. Nesse ensaio, Benjamin explica melhor sobre essa arte que antes era intocável e que depois se transforma em algo popular, na que todos podem ter acesso:

A relação de arte dependia da instauração de três elementos: aura, valor cultural e autenticidade. Ela retira seu sentido de uma experiência não especificamente estética, pois dependentemente, de uma experiência “religiosa”. Ora, atacando fatores que causavam a impressão ou “conceituação” de beleza, contrapondo a aura de intenção de, ao contrário, tornar próximo mesmo o mais distante, ao valor cultural o valor da representação e ao critério de autenticidade o de fidedignidade, os processos de reprodução abalaram os alicerces da teorização clássica.⁵

Na verdade, o que Benjamin mostra neste texto é que a arte teve um caminho fácil de se analisar, o que se modificou foi a forma de entendê-la. Na maioria das vezes, a arte era algo inacessível, quase impossível de se ver, de se tocar, mas, segundo Benjamin, acabou se transformando em um dos valores desejáveis e fáceis de adquirir:

A cada dia que passa, mais se impõe a necessidade de apoderar-se do objeto do modo mais próximo possível em sua imagem, porém ainda mais em sua cópia, em sua reprodução. A reprodução do objeto, tal como fornecido pelo jornal ilustrado ou pelo semanário, é incontestavelmente muito diversa de uma simples imagem. A imagem associa tão estreitamente as duas características da obra de arte, sua unicidade e sua duração.⁶

Fica bem claro o que Walter Benjamin analisa nesse texto em relação à arte. Ali ele explica como a arte deixou de ter essa aura da obra de arte intocável, perdendo assim seu pedestal, sua redoma, e passando a ser matéria de estudo e de fácil contato. Com isso, a obra de arte começou a ser olhada de uma nova forma, surgiu uma nova visão cultural em relação ao que antes era quase que impossível de se tocar. Completando esse tópico e estabelecendo o que deve ser analisado aqui – o espantoso advento e desenvolvimento de alguns instrumentos, que fizeram com que colaborasse para essa transformação da obra –, cabe reproduzir uma citação de Paul Valéry, que Benjamin utiliza em seu ensaio:

⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

⁵ Ibid., p. 217.

⁶ Ibid., p. 228.



Nossas belas-artes foram instituídas e seus tipos e usos fixados num tempo bem distinto do nosso, por homem cujo poder de ação sobre as coisas era significativo comparado ao que possuímos. Mas o espantoso crescimento de nossos instrumentos, a flexibilidade e a precisão que eles atingiram, as idéias e os hábitos que introduziram, nos asseguram modificações próximas e muito profundas na antiga indústria do Belo. Há em todas as artes uma parte física, que não mais pode ser subtraída à intervenção do conhecimento e do poderio modernos. É de se esperar que tão grandes novidades transformem toda a técnica das artes, agindo assim sobre a própria invenção e chegando mesmo, talvez, a maravilhosamente alterar a própria noção da arte.⁷

3 - A ARTE *POP*

Partindo do contexto que Walter Benjamin retrata muito bem – a obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica – a arte *pop* está inserida num universo onde a mesma não tem pretensão nenhuma de criar uma unicidade, cuja aura lhe confira um estatuto quase sagrado.

A arte “*pop*” (abreviatura de popular), deriva suas imagens da cultura dos “mass media”⁸ e da sociedade de consumo, os anúncios, estrelas de cinema etc., geralmente usam essa arte com um certo sentido de ironia e ou de celebração. Teve início nos anos 50, quando tinha como objetivo investigar sobre a natureza da civilização popular urbana. Nos anos 60, tornou-se um estilo mais generalizado. Na Inglaterra, a arte *pop* teve um caráter de crítica social que não se manifestou nos Estados Unidos, onde, pelo contrário, celebrava o capitalismo, a sociedade de consumo e a civilização de massas. Alguns artistas da arte *pop* como Joe Trilson, Richard Smith, Peter Phillips, David Hockney e R.B. Kitaj, partilhavam o interesse pela cultura urbana de consumo e do seu modo de vida moderno. Naquela época, os artistas começaram a questionar radicalmente valores não-figurativos e o expressionismo abstrato, dando ênfase então a objetos de figura notória, popularizando ainda mais a arte e encontrando formas de diversificar esse canal que hoje se tornou tão fácil de assimilar:

Os novos realistas consideraram o batismo artístico do objeto como um acontecimento capital e dele extraíram a lição transcendental. Cada fragmento do real e do qual se apropriaram mostrou-se por isso mesmo investido de um potencial de expressividade absoluta e geral, fim e meio de todas as linguagens objetivas. [...] Nascido de uma reação contra o conformismo não-figurativo, sustentado por um método de ação e uma fórmula de sensibilidade, o novo

⁷ VALERY apud BENJAMIN, p. 221

⁸ “mass media”- sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação



realismo acabou por encarnar em dez anos o início atualizado desse humanismo tecnológico que é a única garantia racional e razoável de um segundo renascimento.⁹

A valorização da técnica e da natureza industrial e urbana foi determinante nesse contexto. Para que fique bem claro é preciso dizer que este novo contexto trouxe, na verdade, um novo estilo de fazer arte, na qual esta adquire um outro sentido, o qual elucida um novo olhar, saindo do abstrato e retratando um manifesto cultural no qual está inserida a linguagem simples e objetiva de dinamizar esse movimento tão avassalador então apresentado:

O realismo tem sua fê fundamental, que é a objetividade da consignação. O realismo não discute nem o contexto nem o cenário de sua vida: identifica-se como real, nele se insere, se integra. As intenções ou segundas intenções, os engajamentos ou as reservas vêm em seguida.¹⁰

A arte *pop* é, assim, uma arte de reaproveitamento daquilo que poderia ser quase inatingível aos olhos dos outros; reaproveitamento este de tudo que faz parte do cotidiano.

Seguindo essa linha, os artistas que fazem hoje desse tipo de arte, que utiliza elementos – e até detritos urbanos –, o seu sustento afirmam que a matéria-prima utilizada, no caso, o lixo, é material de reaproveitamento, sendo totalmente eficaz também na luta contra o preconceito com os catadores, possibilitando ainda o estímulo a uma consciência ambiental.

4 - OS ARTISTAS E AS DIVERSAS FORMAS DE SE LIDAR COM O LIXO

As entrevistas realizadas ao longo da pesquisa permitiram um bom entendimento do trabalho de alguns artistas que hoje vivem do lixo e fazem dele seu sustento social. Em uma dessas idas ao ambiente desses artistas, pode-se observar o quanto eles dão valor a esse trabalho, como usam sua arte de uma forma conscientizadora e que como isso pode transformar vidas, posturas e pensamentos no meio social.

Segundo o artista plástico Sérgio César em uma de suas respostas à produção dessa pesquisa, é fundamental procurar entender esse universo do lixo. No meio a tanta

⁹ RESTANY, Pierre. **Os novos realistas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979, p. 138

¹⁰ *Ibid.*, p. 140



confusão, o desconforto nunca foi um tabu quando ele começou a utilizar o lixo. Ficou evidente que em momento nenhum a causa de olhos famintos observando o seu desenrolar em meio a tanta sujeira fosse motivo para que ele se mostrasse acanhado com o que ali lhe era permitido recolher: “Mexer com o lixo nunca foi algo desconfortável pra mim, pelo contrário, gostava muito daquela ideia de colocar a mão no que era tão repugnado pelos os outros.”¹¹

Na verdade, o que é de maior importância para o artista é a funcionalidade que ele encontra no lixo, a estética se encaixa meramente aos olhos dos outros. Devido ao seu empenho, Sérgio Cezar foi reconhecido pelo carinho e afeto que tem com o seu trabalho e, por conta disso, em 2009, foi chamado para fazer a abertura da novela das oito, *Duas caras*, da Rede Globo, com a arte do papelão. Foram mais de dez metros quadrados de trabalho.

Embora a tarefa tenha lhe proporcionado entrar em contato com um mundo de glamour, o que realmente o satisfaz como artista foi apenas observar o que lhe tinham dado: a beleza do Rio de Janeiro. Foi esse o motivo que o inspirou a elaborar grandes obras. A utilização dessa arte mudou a vida de Sérgio Cezar. No começo, ele utilizava argila, madeira (que era um lixo natural), mas logo se sentiu inspirado para trabalhar com o papelão. A observação da cidade do Rio de Janeiro instigou a ideia de que ali existiria não somente a atuação dos marginais, mas também a presença da classe trabalhadora correndo atrás do seu sustento e de todas as outras formas as quais as pessoas veem. E foi assim que os casarões da Lapa, os muros envelhecidos de Santa Tereza tomaram espaço na formação do artista:

O lixo mudou minha vida. A maneira de ver, transformar, utilizando-se somente uma coisa, apenas a linguagem da arte. É uma vibração para mim ver essa arte sendo transformada, pondo minhas questões nela. E é por esse tópico que se abre um novo capítulo, o capítulo da por algo mágico, diferente, inovador.¹²

A única decepção aos olhos do artista que, segundo ele, se torna uma desvantagem, é a falta de valor que a sociedade dá a esse tipo de trabalho. Não querem pagar o que vale a arte, mas querem revendê-la a preço de obra de arte.

Outras entrevistadas como Terezinha Larcher – que trabalha com a arte em garrafas PET, fazendo puffs, móveis etc. – e Núbia Pinheiro – que transforma folhas de

¹¹ FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Entrevista com Sergio Cezar**. Gravada em vídeo, 13 de outubro de 2009.

¹² *Ibid.*, loc. cit.

jornal em objetos, que vão desde caixas a biombos –, ambas do Galpão das Artes Urbanas da COMLURB, Companhia Municipal de Limpeza Urbana, que se localiza na Gávea, Rio de Janeiro, acreditam que o lixo é um problema de todos e, por isso, é preciso haver uma conscientização a respeito do problema.

Todos os artistas concordam quando se trata de reciclar, reutilizar e reaproveitar para que haja um futuro melhor. Para eles, é preciso cuidar do meio ambiente, dando uma nova opinião às pessoas quanto ao lixo, uma educação ambiental. Terezinha Larcher explica que o que a fez entrar nesse mundo já vem de muito tempo, pois a própria família já não gostava do desperdício e dali já se indagava quanto ao processo daquele lixo depois que tinha se transformado em matéria suja. Desde criança, Terezinha já se interessava por coisas que pudessem dar um novo rumo sem prejudicar o ambiente social.

Com a artista Núbia Pinheiro, já foi diferente. Em meio a tanto estresse do dia-a-dia, decidiu deixar sua vida corrida para trás e dedicar-se somente à arte com o lixo. Ela achou um sentido para cada jornal enrolado e deu uma nova forma de criação àquele lixo que antes era meramente catado na rua e tinha um destino que ela considerava insatisfatório.

Algumas obras de Núbia Pinheiro a seguir:¹³



Luminária feita de papel de jornal.

¹³ Imagens cedidas pela autora via e-mail.



Biombo com molduras feitas de jornal.

Fotos do artista Sérgio César com sua arte no papelão:



O artista mostrando seu trabalho com o papelão.¹⁴

¹⁴ Disponível em: <<http://www.abril.com.br/imagem/maquete-favela-bienal436.jpg>>. Acesso em: 6 abr. 2010.



Maquete feita para exibição na abertura da novela das oito da Rede Globo.¹⁵

5 - O NOJO

Partindo do pressuposto justo – como o nome mesmo já diz – segundo o qual a palavra “nojo” causa um tipo de asco, repugnância de algo em relação a determinado aspecto, seja ele sujo ou infeccioso, é fácil afirmar que o lixo provoca nojo. Mas, como foi possível comprovar através desta pesquisa, esta afirmação nem sempre corresponde à verdade.

Na sua tese de doutorado, Daniele Ribeiro explica que:

O nojo é um universo rico de significados, um universo que engloba principalmente o corpo e seus orifícios, e também a ordem política, social, moral e cultural. O nojo deve necessariamente repelir senão não é nojo. É uma área repleta de oposições, as quais são cruciais para entendê-las como inorgânico x orgânico, vegetal x animal, humano x animal, nós x eles, eu x você, seco x molhado, fluido x perigoso, duro x esponjoso, vida x morte.¹⁶

¹⁵ Disponível em: <<http://www.abril.com.br/imagem/maquete-favela-bienal436.jpg>>. Acesso em: 6 abr. 2010.

¹⁶ SANTOS, Daniele Ribeiro dos. **Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez**. Orientador: Ana Cristina de Rezende Chaira. Rio de Janeiro: UERJ / Instituto de Letras, 2007, 201 p. Tese de doutorado, p. 35



De fato, de tudo o que existe de mais nojento, esse nojo é o extremo de cada classificação apontada. Nessa esfera, ele opera também como um modificador social, que tem o poder de mudar coisas as quais quase não se pode imaginar. Dito isso, a autora prossegue:

A cultura tem papel determinante em relação ao nojo, estabelece os limites entre o puro e o impuro, o limpo e o sujo. A linguagem do nojo evoca, uma experiência sensorial. É uma sensação instantânea, imediata, sentir nojo é humano e “humanizante”, e aqueles que dificilmente se enjoam parecem pertencer a uma categoria, de certa forma, diferente, como as crianças, os loucos ou os santos. Considera que o nojo ajuda a estruturar o mundo, porque tem um incrível poder de gerar imagens e organizar e internalizar muitas das nossas atitudes morais, sociais e políticas, é o reconhecimento de que a pureza está constantemente ameaçada, colocando-se assim em contato com a própria vulnerabilidade.¹⁷

Dentro da pesquisa explorada com os artistas que lidam com o lixo, percebe-se que eles fazem dessa matéria-prima algo inovador para a sociedade, não poupando os olhos de quem vê essa matéria sendo recolhida, seja ela em lixeira de prédios, na rua, em casas etc. O nojo que, *a priori* pode se considerar que exista na coleta seletiva deles, é meramente nojento aos olhos alheios.

Em entrevistas aos artistas, foi possível concluir que os mesmos nunca sentiram o incômodo pelo lixo na rua, sempre enfrentaram tal assunto como algo mais que normal. Na verdade, eles afirmam que se sentem superconfortáveis e não têm repugnância, seja pelo lixo ou pelas pessoas que observam. O artista Sérgio Cezar comenta que o olhar dos indivíduos nunca foi algo tão refutável para que ele se sentisse envergonhado ao catar o lixo: “Nunca tive medo e nem vergonha se alguém achasse que estava fedido, a estética pra mim se encaixa meramente aos olhos dos outros.”¹⁸

Simplemente por isso é possível observar que nenhum deles até hoje se sentiu inferior naquela imensidão de resíduos. Na verdade, existe algo mais que mágico, que é sim ponto de um novo começo para o ser humano.

¹⁷ Ibid., loc. cit.

¹⁸ FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Entrevista com Sergio Cezar**. Gravada em vídeo, 13 de outubro de 2009.



CONCLUSÃO

A partir dos estudos realizados e da prática, pode-se perceber que os artistas têm algo em comum na luta pelo aprimoramento tanto na questão ambiental quanto na questão moral. A conscientização ambiental é um dos grandes fatores socioeconômicos e interfere para que possam, a partir daí, criar maneiras de desenvolver objetivos para a melhoria do nosso mundo real. O aprimoramento por esse trabalho leva a crer que ainda assim há maneiras de se adequar a novas ideias e de se buscar bons resultados.

Surpreendeu também o fato de os artistas encontrarem no lixo uma boa ação e um modo diversificado e atraente, não somente pelo nojo que eles enfrentam – ou que a sociedade acredita que eles enfrentam.

Dentre as leituras realizadas, pode-se afirmar que o maior fator é saber que a *arte pop* trouxe um novo modelo de perspectiva social para o mundo, trouxe um mundo menos abstrato e mais figurativo. Sendo assim, foi possível concluir que a arte do lixo é um movimento conscientizador, estimulante e criativo nos tempos de hoje, motivador e modificador no aspecto cultural, trazendo novas visões e assim oportunidades para se construir assim apropriação do ser.

REFERÊNCIAS

Art: Whether you Love it or hate it, the purpose is to elicit a response. Disponível em: <[http:// www.timeshighereducation.co.uk/story.asp?sectioncode=408595](http://www.timeshighereducation.co.uk/story.asp?sectioncode=408595). Acesso em: 12 de nov. 09.

BATTOCK, Gregory. **A nova arte.** São Paulo: Ed.Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: COSTA LIMA, Luiz (org.). **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RESTANY, Pierre. **Os novos realistas.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

FORTUNA, Daniele Ribeiro. **Entrevista com Sergio Cezar.** Gravada em vídeo, 13 de outubro de 2009.

_____. **Entrevista com Terezinha Larcher.** Gravada em vídeo, 18 de dezembro de 2009.



_____. **Entrevista com Núbia Pinheiro.** Gravada em vídeo, 11 de fevereiro de 2010.

_____. **Depoimento de Suellen Elise Maciel.** Recebido por e-mail, 28 de fevereiro de 2010.

FRANCISCO, Luis Rodrigues. **Lixo: de onde vem? Para onde vai?** 2.ed.reform. – São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Desafios).

RODRIGUES, J.C. **Higiene e Ilusão.** Rio de Janeiro, Ed: Nau, 1995.

SANTOS, Daniele Ribeiro dos. **Do realismo sujo ao realismo vazio: um estudo comparativo entre a ficção de Rubem Fonseca e Pedro Juan Gutiérrez.** Orientador: Ana Cristina de Rezende Chaira. Rio de Janeiro: UERJ / Instituto de Letras, 2007, 201 p. Tese de doutorado.